

COMPETÊNCIAS DIGITAIS: ESSENCIAIS PARA O ENFERMEIRO?

DOI: 10.5327/Z1414-4425201700030001

O mercado de trabalho está em transformação. Independentemente do segmento analisado, a velocidade das mudanças impulsionadas pelas tecnologias é notável. No setor de saúde não é diferente: a tecnologia, com as vantagens e os desafios que lhe são inerentes, já transformou e se incorporou a diversos processos de trabalho dos profissionais de saúde. Podemos citar como exemplos os prontuários eletrônicos, os sistemas de suporte à decisão, a extinção dos filmes na área de diagnóstico por imagem, o avanço da telemedicina, a cirurgia robótica e a dispensação automática de medicamentos. Nas unidades de cuidados críticos em que há o uso intensivo de tecnologias — como as terapias intensivas e o centro cirúrgico —, essas transformações são mais evidentes.

Esse cenário de transformação, no entanto, não se limita apenas a novos equipamentos, instrumentos e materiais; com os avanços das tecnologias de informação e comunicação (TIC) viabilizadas pela internet, caminhamos para mudanças ainda mais profundas na forma como os serviços de saúde se organizam e para novos modelos de prática. Isto exige dos enfermeiros a aquisição de competências para atuação profissional e para gestão dos processos assistenciais adaptadas a um contexto de conexão e interação em rede.

A competência digital, considerada uma competência transversal, é definida

como o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, capacidades, e estratégias necessário para usar as tecnologias da informação e comunicação (TIC) e os meios de comunicação digitais para executar tarefas, resolver problemas, comunicar, gerir informações, colaborar, criar e compartilhar conteúdo, e construir conhecimento de forma eficaz, eficiente, adequada, crítica, criativa, autônoma, flexível, ética e reflexiva, para o trabalho, o lazer, a participação, a aprendizagem e a socialização¹.

A competência digital é reconhecida pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho Europeu, desde 2006, como uma

das oito competências críticas para aprendizagem ao longo da vida e para a inserção na sociedade do conhecimento. Também é considerada necessária para a aquisição das demais, que são: comunicação na língua materna; comunicação em línguas estrangeiras; competência matemática e competências básicas em ciências e tecnologia; aprender a aprender; competências sociais e cívicas; espírito de iniciativa e espírito empresarial; e sensibilidade e expressão culturais. Propõe-se que seja desenvolvida em cinco áreas e avaliada considerando-se três níveis de proficiência — básico, intermediário e avançado²⁻⁴:

1. Informação e literacia em dados e informação: identificar, localizar, recuperar, armazenar, organizar e analisar informação digital, avaliando a sua relevância e finalidade;
2. Comunicação e colaboração: comunicar em ambientes digitais, partilhar recursos por meio de ferramentas *online*, conectar-se com outros e colaborar por meio de ferramentas digitais, interagir e participar em comunidades e redes, ter consciência intercultural;
3. Criação de conteúdo digital: criar e editar novos conteúdos (textos, imagens, vídeos etc.); integrar e reelaborar conteúdos e conhecimento prévio; produzir expressões criativas, conteúdos multimídia e de programação; lidar com e aplicar direitos de propriedade intelectual e de licenças de utilização;
4. Segurança: proteção pessoal, proteção de dados, proteção de identidade digital, medidas de segurança, utilização segura e sustentável;
5. Resolução de problemas: identificar necessidades e recursos digitais, tomar decisões informadas sobre as ferramentas digitais mais apropriadas de acordo com as finalidades/necessidades de utilização, resolver problemas conceituais através de meios digitais, resolver problemas técnicos, utilizar tecnologias de forma criativa, atualizar a sua competência digital e a dos outros.

Nessa perspectiva, destaca-se a importância de valorizar iniciativas como a do Núcleo de Tecnologias e Educação a

Distância em Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (NUTEDS) e a da Rede Universitária de Telemedicina (RUTE), que visam a favorecer o desenvolvimento das competências digitais e o letramento digital e informacional entre profissionais e estudantes da área da saúde desde a graduação⁵.

Além disso, vale ressaltar as propostas para a Enfermagem que emergiram do IV Encontro Nacional de Pós-Graduação na Área de Ciências da Saúde, em 2010, que são:

- 1º) estimular a criação de ambientes de tecnologia e inovação para desenvolvimento de modelos de cuidado de Enfermagem e Saúde, com estratégias de sustentabilidade e empreendedorismo;
- 2º) investir na criação de indicadores de impacto econômico e social, de tecnologia e inovação em Enfermagem e Saúde;
- 3º) promover a criação de redes de desenvolvimento de inovação e tecnologia em Enfermagem e Saúde, para garantir um cuidado de enfermagem seguro e de excelência;
- 4º) propor, às agências de fomento, de Editais temáticos de tecnologia e inovação em cuidados,

gerência e educação em Enfermagem e Saúde, em consonância com as políticas do Sistema Único de Saúde;

- 5º) propor a inclusão das tecnologias de cuidado de Enfermagem na Agenda de Prioridades em Pesquisa e;
- 6º) incrementar a política de expansão e articulação dos programas de Pós-Graduação da Área de Enfermagem, como estratégia de qualificação dos profissionais de serviço com implantação de tecnologias de cuidado baseado em evidências.⁶

Com as mudanças já em curso, o desafio que se coloca para a Enfermagem não é pequeno, e não basta somente acompanhá-las; é necessário investir esforços em pesquisas a fim de compreender como as TICs impactarão o cuidado, a organização e a coordenação dos serviços de enfermagem, além de propor e testar modelos de ensino e gestão que possibilitem aos enfermeiros atuar nesse cenário.

Lúcia Marta Giunta da Silva

Professora Adjunta e Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (EPE-Unifesp) – São Paulo (SP), Brasil.

REFERÊNCIAS

1. Ferrari A. DIGCOMP: A Framework for Developing and Understanding Digital Competence in Europe-13 [Internet]. 2013 [acesso em 23 maio 2017]. Disponível em: <http://omk-obrazovanje.gov.rs/wp-content/uploads/2015/02/A-Framework-for-Digital-Competence-in-Europe.pdf>
2. Cortoni I, LoPresti V, Cervelli P. Digital Competence Assessment: A Proposal for Operationalizing the Critical Dimension. *J Media Literacy Education*. 2015;7(1):46-57.
3. Vuorikari R, Punie Y, Carretero Gomez S, Van den Brande G. DigComp 2.0: The Digital Competence Framework for Citizens. Update Phase 1: The Conceptual Reference Model [Internet]. 2016 [acesso em 23 maio 2017]. Disponível em: <https://ec.europa.eu/jrc/en/publication/eur-scientific-and-technical-research-reports/digcomp-20-digital-competence-framework-citizens-update-phase-1-conceptual-reference-model>
4. Lucas M, Moreira A. DIGCOMP – Proposta de um quadro de referência europeu para o desenvolvimento e compreensão da competência digital [Internet]. 2016 [Acesso 23 maio 2017]. Disponível em: <http://erte.dge.mec.pt/noticias/versao-em-lingua-portuguesa-do-quadro-de-referencia-das-competencias-digitais>
5. NUTEDS Comunicação. Convite: Inauguração unidade RUTE no NUTEDS/ FAMED/UFC [E-mail]. 2017. Fortaleza [para] Silva LMG, São Paulo. 2p.
6. Lorenzini EA. A Inovação em Enfermagem. *Ciencia y Enfermería* [Internet]. 2013;XIX(3):7-9. [acesso em 23 maio 2017]. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=370441814001>